

Juventude espoliada, juventude revoltada, juventude organizada.

Por Vitor Hugo Tonin¹

Isabela Alline Oliveira²

Ao jovem iracundo Darcy Ribeiro

Antes de tudo...

No papo reto que o assunto é sério e o tempo é curto. O proceder não é neutro, mas interessado. Não vamos divagar sobre a cidade e moradia em geral. Tampouco sobre o que define a juventude. Nossos problemas reais não nos permitem perder tempo. O nosso problema é o da moradia em cidades muito específicas: cidades de países dependentes e subdesenvolvidos. O problema da moradia no Brasil se parece com a moradia na Argentina, na Bolívia e no México. Mas é muito diferente do problema na França, na Holanda e nos EUA.

Da mesma forma nos debruçamos sobre o tema da juventude brasileira. Jovens criados para viver em um país cujo mundo de trabalho formal

1 Doutorando em Desenvolvimento Econômico na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Secretário Executivo de Movimentos Urbanos da Intersindical – Central da Classe Trabalhadora e militante das Brigadas Populares. Contato: vitorht@gmail.com

2 Mestranda em Filosofia na Universidade Federal de São Carlos e militantes das Brigadas Populares. Contato: isabela.alline@yahoo.com

já é péssimo e apresenta escassas perspectivas. Ainda assim grande parte dessa juventude sequer tem como horizonte a formalidade, mas sim integrar as grandes massas estruturalmente marginalizadas da sociedade brasileira. Não apenas como um setor da população brasileira compreendida entre a idade X e Y, mas como um setor historicamente espoliado pela falta de expectativa em ter um emprego de qualidade, sofredora de uma educação que ofende, que é parte majoritária da população trancafiada em presídios em que os direitos humanos não existem, que é alvo preponderante de um verdadeiro genocídio nas periferias. Mas mais importante ainda é debater a juventude no atual momento do país. Nos importa discutir esse setor justamente no momento em que vêm se conformando novamente como um importante ator político da conjuntura nacional. Desde as manifestações de 2013, passando pelos rolésinhos, pelo funk e pelo rap, pelas marchas contra a violência policial nas favelas do RJ, pelas lutas em prol das ações afirmativas, pela presença massiva nas ocupações por moradia, na luta pela preservação dos espaços públicos como o cais Estelita do Recife, a Ponta do Coral em Florianópolis, na defesa do ensino superior público e de qualidade com as recentes greves das universidades paulistas e principalmente na defesa da educação através de ocupações das escolas em SP, GO, RJ, CE, RS entre outros. Entender porque esse ator político reaparece na cena política nacional é também o nosso desafio.

Espoliação urbana

Conceito que ilumina o nosso tema. O problema da habitação é diferente no Brasil e na França justamente porque fomos construídos enquanto povo para fornecer riqueza para os países centrais. De colônia ao formalmente independente, fomos moldados para ser subordinados aos países imperialistas. Isso nos coloca sob uma superexploração: além de satisfazer o apetite da classe dominante internamente, como ocorre em todos os países capitalistas, temos que satisfazer os interesses das classes dominantes gringas. Isto é, na nossa história, em vez das classes dominantes nativas enfrentarem a exploração promovida pelas classes dominantes colonialistas e imperialistas preferiram se unir a elas e voltar-se contra o povo de seu próprio país.

Consequência dessa articulação é que a estrutura salarial e creditícia do Brasil é insuficiente para que o povo possa comprar todos os bens necessários para sua reprodução. Os salários estão abaixo do valor da nossa força de trabalho. É impossível, por exemplo, com um salário de trabalhador com-



prar uma casa, ter acesso a saúde e educação privadas de qualidade, acessar o ensino universitário, o lazer, a cultura e a maioria dos aparatos tecnológicos que a moderna civilização capitalista produz.

Condição para manter a superexploração do nosso povo é necessário que em nossa estrutura social o desemprego e o subemprego ou informalidade atinja estruturalmente grandes parcelas da sociedade. Essa massa de desempregados e subempregados pressionam os que tem a chance de conseguir um emprego formal a aceitar salários estruturalmente menores. Resumindo: a aliança das classes dominantes nativas com suas parceiras dos países imperialistas cria um sistema social baseado na superexploração da força de trabalho, isto é, em média o salário no Brasil é insuficiente para reproduzir a vida dos trabalhadores formalmente empregados. Isto é garantido através de um gigantesco exército industrial de reserva que sobrevive estruturalmente no desemprego e no subemprego que tampouco tem acesso as condições gerais de reprodução da vida.

É isto que faz com que as lutas por direitos: serviços necessários à reprodução da vida, se torne central em nosso país. E tudo que em outros países pode ser mercantilizado, aqui foi disputado como direito: transporte, habitação, saúde, educação, etc. Pois se o salário não dá, o Estado deve dar. Só que

não! Pois o Estado também está envolvido nessa lógica e a maior parte do seu excedente não pode ser destinado a garantir os direitos da classe trabalhadora, uma vez que encarece a mão de obra e vai de encontro à superexploração. De tal forma que além de não conseguir acessar os bens necessários para sua reprodução através do salário, a classe trabalhadora brasileira também não consegue acessar seus direitos através do Estado, ficando refém de outras formas para conseguir acessar ou não acessar as condições necessárias para se reproduzir.

Na busca de conseguir essas condições na cidade que aparece a espoliação urbana. Se não tem carro, há de ir a pé ou no sistema coletivo precarizado, lento e desgastante; se não tem casa, toca invadir e construir nos finais de semana; ou superlotar uma casa ou ainda adensar um terreno. Enfim todas formas que, fora da jornada de trabalho, elevam o desgaste físico e mental do nosso povo. A isso chamamos de espoliação urbana.

A juventude em geral se depara antes com a espoliação. Quando não tem transporte para o colégio ou para o lazer, quando não tem acesso à saúde básica. Quando começa a constituir família e é obrigada a morar com os parentes. Quando sua inserção laboral se faz, via de regra, através do subemprego.

Ao mesmo tempo, porém, é nesse momento

da vida que as expectativas ainda são encaradas seriamente. Que a resignação se faz menos sentir. Que a busca para não ser “como os nossos pais”, mas sim um pouquinho melhores é levada a sério, através do espírito jovem, mais livre. E justamente quando essa perspectiva se choca com o caráter estrutural da espoliação urbana que a rebeldia irrompe no asfalto. Assim foi nas jornadas de junho de 2013: em pleno período de melhoria salarial, milhões foram as ruas exigir mais direitos dizendo na feliz expressão de um candidato à prefeito de São Paulo “que se a vida havia melhorado da porta para dentro de casa, da porta para fora piorou”. É por isso que a juventude é protagonista na luta por transporte, na luta por educação e também na luta por moradia.

A maior parte de famílias em ocupações urbanas organizadas são chefiadas por jovens chefes de família que resolvem encarar o desafio de construir uma moradia própria. Sem possibilidade de conviver na mesma habitação dos pais esses jovens em geral aventuram-se na locação de cômodos ou barracos em áreas periféricas, na ocupação de terrenos abandonados e, no melhor dos casos, na construção de ocupações urbanas coletivas em terrenos ou edifícios ociosos. Assim, em todos esses casos há espacialmente uma elevação do gasto de energia física e mental do trabalhador: além daquele tempo de trabalho despendido para obtenção de uma renda é somada o tempo de trabalho gasto na obtenção de uma moradia que em tese deveria ser obtida através daquela renda. O desgaste promovido pela espoliação urbana em um povo historicamente superexplorado é incomensurável. Alguns depoimentos destes trabalhadores ajudam a dimensionar o problema.

Pra fazê casa o nego tem de se esforçá, trabalhá muito...fazê economia...Olha, quando chegá aos 40 ano e já num posso mais trabalhá porque eu num vô aguentá pegar serviço pesado (...); tenho logo de apanhá a minha folhinha do INPS pra me encostá porque vô tá meio ruim...Mas aí já fiz a casa, tô sossegado...Eu penso que tem valença o sujeito se esforça enquanto é moço pra consegui sua casinha mesmo que às vez se sinta acabado. Tem os que num pensa isso, se guarda mais...num se gasta tanto..., que ninguém é obrigado, né... (carpinteiro)

Pobre só pode morá aqui em cima, aqui pra dentro mesmo, pra esses cantão. Lá embaixo é só pra gente de posse, pobre num tem condição...é muito caro. Antes cabia mais pobre lá embaixo, né. Era aquelas favela, aquelas cabeças-de-porco...inda tem, mas é pouco agora...os tempo hoje é outro, num tem mais lugar barato...é tudo caro lá embaixo. Pode vê, pobre agora vem tudo aqui pra cima

fazê suas casinha pra tê um pouco de sossego. Chega um dia num vai tê mais pobre nenhum lá embaixo...num tem condições...num cabe, né.

O salário que tá na carteira se a gente num fizê serão num dá nem pra comê. Tem de fazê senão o cara num vai morá...é que no serão eles paga 20% em cima da hora normal. (...) Pra podê ir tocando a obra e a situação, ter condição de construí, pelo menos duas dobra por semana nós somo obrigado de fazê. (...) A gente pega no trabalho hoje às 7h do dia, trabalho e dia e trabalha na noite até 4h30min. Então o pessoal vai dormir, das 4 e meia às 7h, quer dizer nem três hora de sono, né. Dorme aquelas três hora pra pegá no serviço às 7h outra vez, pra ir até às 5h...até 5 da tarde. (...) Agora a gente faz duas dobra, mas teve tempo de tá imprensado e fazê até três dobra numa semana pra podê compra um pouco de material...dobrava na segunda, na quarta e na sexta...chegava no fim da semana mais morto do que vivo. (armador).

Eu tenho envelope de até novecentos cruzero por semana, mas pra eu tirá isso...se eu falar pra senhora a senhora vai se benzê toda; vai dizê: esse cara tá se matando. Sabe por quê? Duas dobra. Sem dormir. Eu vivo fazendo isso porque tenho necessidade, muita coisa pra fazê aqui, num é só comer, tem a casa. Então tem de dobrá. Bom...tê num tem, né, a pessoa dobra por livre e espontânea vontade; tá me entendendo? Ninguém força. (...) É que o meu objetivo é construir...enquanto eu não fizer a minha casa sinceramente a minha cuca num refresca mesmo... (pedreiro). (LIMA, 1980)

Fica evidente nos depoimentos como o sobre-esforço necessário para conseguir uma moradia é exercido no período da vida em que mais há energia: a juventude. Na compreensão de que não haverá condições de realizar o mesmo sacrifício depois, o que muitas vezes não se vê imediatamente é que este sacrifício provoca sequelas irremediáveis como a redução da expectativa de vida, o adoecimento precoce, aleijamentos e invalidez prematuros.

Por uma revolução urbana

A juventude de hoje está sofrendo uma mudança de época. Da expectativa de que com fé e paciência

tudo poderia melhorar passamos para um cenário em que tudo está desabando: educação sendo fortemente atacada por processos de reestruturação que visam abrir o setor para o predomínio de organizações capitalistas; forte e rápida deterioração dos empregos existentes e elevação acelerada do desemprego que afeta principalmente a juventude; o ataque a direitos trabalhistas e previdenciários; além de assistir com espanto as riquezas nacionais sendo descaradamente entregues para as multinacionais, incluindo aí o pré-sal que estava atrelado a um projeto de fortalecimento dos direitos sociais.

Foi como reação a essa quebra e mudança de perspectivas que iniciaram as jornadas de junho de 2013 que reabriu a conjuntura política brasileira para o avanço tanto de forças de direita como de esquerda. Despontam novos movimentos. Novas organizações surgem a cada momento. Lideranças jovens de novas ou históricas organizações sociais e políticas entram em cena. E ainda, novas formas de fazer a

política com um elemento de ousadia característico desse sujeito político. As velhas estruturas já não são suficientes para abarcar seus anseios, há de se deixar o novo surgir. O conteúdo da política, no entanto, permanece em aberto. Há necessidade de identificar o elemento unificador de todas essas lutas imediatas, a causa central, o busílis da questão. Nosso objetivo aqui foi lançar luz a categoria de espoliação como forma espacial da superexploração em nosso país e, portanto, como elemento central das novas lutas a surgir. A partir desse entendimento o caráter urbano da unificação fica evidente. Trata-se de reconstruir relações sociais na cidade que coloquem essa gigante acumulação de capital concentrada no espaço que é a cidade a disposição de seus moradores. Da moradia às praças, da saúde à educação, da segurança à cultura, tudo será apropriado pela juventude, especialmente pela juventude negra e das quebradas numa grande rebelião urbana. Esse é o desafio da juventude brasileira atual.

Referências

AIRES MAGALHÃES, Luís Felipe; TONIN, Vitor Hugo. **Segregação socioespacial e luta por moradia na grande Florianópolis: raízes e características da Ocupação Contestado**. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, v. 49, n. 2, p. 224-255, nov. 2015. ISSN 2178-4582. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2015v49n2p224>>. Acesso em: 13 jul. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2015v49n2p224>.

KOWARICK, Lucio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, (1979) 1993.

KOWARICK, Lucio. **Capitalismo e marginalidade na America Lati-**

na. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1975.

LIMA, M. H. B. Em busca da casa própria: autoconstrução na periferia do Rio de Janeiro. In: VALLADARES, Licia do Prado (org.); SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos (Coaut. de). **Habitação em questão**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1980.

MARINI, Ruy Mauro. **Vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

PINTO, Alvaro Vieira. **A questão da universidade**. São Paulo, SP: Cortez: Autores Associados, 1986.

RIBEIRO, Darcy. **A universidade necessária**. 5. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1991.

RIBEIRO, Darcy. **O dilema da America Latina: estruturas de poder e**

forças insurgentes. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979,

TONIN, Vitor Hugo; PERES, Lino F. B. **Espoliação urbana: forma espacial da superexploração da força de trabalho**. Disponível em: <https://mega.nz/#!udcAEIDZ!9g-2jlyNF-sNOUIBvHcvF13UEQIB-5TMMbc9Jzene8xs>

TONIN, Vitor Hugo. **Muita gente sem casa, muita casa gente. Entre superlucros e superexploração: a dialética da habitação em país dependente**. 2015. 266 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PGAU0085-D.pdf>>